ISSN: 2358-8829

A LUDICIDADE COMO ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO FRENTE A CRIANÇAS COM TEA

Hany Beatriz Conceição Martins da Silva [1]
Karen Guedes Oliveira [2]

INTRODUÇÃO

A infância constitui uma etapa fundamental do desenvolvimento humano, na qual os sujeitos constroem conhecimentos, desenvolvem habilidades sociais e emocionais e aprendem a se relacionar com o mundo ao seu redor. Nesse processo, as experiências vivenciadas contribuem não apenas para o desenvolvimento cognitivo, mas também para a formação de valores e atitudes que influenciam a maneira como as crianças compreendem e convivem com as diferenças. Desse modo, promover a conscientização acerca da inclusão social desde os primeiros anos de vida representa uma possibilidade de contribuir para a formação de sujeitos mais sensíveis à diversidade, capazes de estabelecer relações pautadas no respeito, na empatia e na cooperação.

A inclusão social pressupõe a construção de condições que possibilitem a participação de todas as pessoas nos diferentes espaços da sociedade, considerando suas particularidades e necessidades. Entretanto, sua efetivação não depende apenas da garantia de acesso a esses ambientes, mas também da transformação das atitudes e das relações sociais que podem favorecer ou dificultar o sentimento de pertencimento. Nesse sentido, abordar a inclusão durante a infância torna-se especialmente relevante, pois possibilita às crianças compreender que as diferenças fazem parte da experiência humana e não devem constituir motivos para a exclusão ou a discriminação.

Entre as questões que merecem atenção nesse contexto, destaca-se a inclusão das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Considerando que o autismo se manifesta de diferentes maneiras, cada pessoa apresenta características, potencialidades e necessidades particulares, que devem ser reconhecidas e respeitadas. Assim, a

[1] Graduada do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, hany.beatriz@academico.ufpb.br;
[2] Doutora em Psicologia Social (UFPB). Professora do Departamento de Fundamentação da Educação DFE/CE- Universidade Federal da Paraíba (UFPB), karen_costaguedes@hotmail.com;.

ISSN: 2358-8829

conscientização sobre o TEA desde a infância pode contribuir para que as crianças compreendam a importância de acolher seus pares, respeitar suas particularidades e reconhecer que todos devem ter oportunidades de participar das brincadeiras e das demais experiências coletivas.

Para abordar essa temática com o público infantil, é necessário recorrer a estratégias pedagógicas que considerem as características dessa etapa do desenvolvimento e favoreçam a participação ativa das crianças. Nessa perspectiva, a ludicidade apresenta-se como uma importante ferramenta educativa, uma vez que jogos e brincadeiras possibilitam a construção de conhecimentos por meio de experiências interativas, diálogos e situações que aproximam a aprendizagem da realidade infantil. Além disso, os recursos lúdicos permitem abordar questões sociais relevantes de maneira acessível, estimulando a expressão de ideias e a reflexão sobre atitudes que podem contribuir para uma convivência mais inclusiva.

Diante dessas considerações, o presente trabalho tem como objetivo relatar e analisar a ação pedagógica intitulada *A ludicidade como ferramenta de inclusão*, realizada na Brinquedoteca do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (CE/UFPB), com crianças de 3 a 10 anos. A proposta teve como finalidade promover a conscientização sobre o Transtorno do Espectro Autista por meio de atividades lúdicas que favorecessem a compreensão das diferenças e estimulassem atitudes de acolhimento, respeito e empatia.

Para alcançar esse propósito, a ação foi organizada em três momentos: inicialmente, realizou-se uma sondagem dos conhecimentos prévios das crianças acerca do TEA, por meio de uma conversa dialogada; em seguida, desenvolveu-se um jogo pedagógico com recursos visuais para abordar características e necessidades relacionadas ao autismo; por fim, promoveu-se uma discussão sobre situações cotidianas, incentivando os participantes a refletirem sobre maneiras de acolher e incluir pessoas autistas nos espaços de convivência. Dessa forma, busca-se discutir as contribuições da ludicidade para a conscientização infantil sobre a inclusão social, ressaltando a importância de práticas pedagógicas que favoreçam o reconhecimento das diferenças e a construção de relações mais respeitosas desde a infância.

METODOLOGIA

ISSN: 2358-8829

A ação ocorreu na Brinquedoteca do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (CE/UFPB), no dia 17 de julho de 2025, com duração aproximada de uma hora. A atividade foi realizada no turno da noite, com crianças de 3 a 10 anos, filhos de alunos e servidores da instituição.

A atividade iniciou com a sondagem dos conhecimentos prévios dos participantes acerca do tema. A partir do compartilhamento de suas percepções, a conversa também contemplou as vivências de algumas crianças com colegas autistas, possibilitando a troca de experiências entre os participantes. Ainda nesse primeiro momento, foram apresentadas a definição e as características do TEA, considerando uma linguagem acessível à faixa etária das crianças.

O segundo e o terceiro momentos da intervenção ocorreram de forma simultânea, por meio de um jogo pedagógico que propôs às crianças o reconhecimento, em imagens, de algumas características e situações que podem estar presentes nas experiências de pessoas autistas. A partir das respostas apresentadas durante o jogo, eram discutidas possibilidades de acolhimento e inclusão, incentivando os participantes a refletirem sobre como agir de maneira respeitosa diante das situações propostas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A promoção do debate e o ensino sobre a inclusão social desde a infância constitui uma possibilidade de contribuir para a formação de sujeitos capazes de reconhecer e respeitar as diferenças humanas. Nesse contexto, a conscientização sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) assume relevância ao favorecer a compreensão das particularidades das pessoas autistas e a construção de relações sociais mais acolhedoras. Para isso, torna-se necessário desenvolver práticas educativas que possibilitem às crianças compreender a inclusão para além do discurso, relacionado às situações cotidianas de convivência.

Na perspectiva sociointeracionista, Vygotsky (1991) compreende o desenvolvimento humano a partir das relações estabelecidas entre os sujeitos e o contexto sociocultural em que estão inseridos. Nessa perspectiva, as interações sociais desempenham um papel importante na construção do conhecimento, uma vez que possibilitam o compartilhamento de experiências e a atribuição de significados ao mundo. Assim, as práticas educativas que estimulam a interação entre as crianças

ISSN: 2358-8829

podem favorecer a reflexão sobre as diferenças e contribuir para a construção de atitudes respeitosas diante da diversidade.

Essa compreensão relaciona-se ao conceito de inclusão social apresentado por Sassaki (2009), que destaca a importância da transformação dos espaços e das relações sociais para possibilitar a participação de todas as pessoas. Desse modo, incluir não significa apenas permitir que alguém esteja presente em determinado ambiente, mas garantir condições para que participe efetivamente das experiências coletivas. No contexto infantil, essa perspectiva evidencia a importância de conscientizar as crianças sobre o acolhimento das pessoas com TEA, respeitando suas particularidades e reconhecendo suas possibilidades de participação nas brincadeiras e nas demais atividades sociais.

Para favorecer esse processo, a ludicidade apresenta-se como uma importante ferramenta pedagógica. Lima (1991) destaca a relevância da atividade lúdica para o educador, reconhecendo suas possibilidades no processo educativo. Os jogos e as brincadeiras podem estimular a participação infantil, facilitar a abordagem de diferentes conteúdos e favorecer a aprendizagem por meio de experiências significativas. Quando direcionados à conscientização sobre o TEA, esses recursos permitem apresentar situações de maneira acessível, incentivando as crianças a refletirem sobre comportamentos, necessidades e possibilidades de acolhimento.

Dessa forma, a articulação entre interação social, inclusão e ludicidade fundamenta a utilização de estratégias pedagógicas que promovam a conscientização sobre o autismo desde a infância. Ao proporcionar momentos de diálogo e atividades lúdicas, buscou-se favorecer não apenas a compreensão das diferenças, mas também a reflexão sobre atitudes que contribuam para uma convivência mais respeitosa e inclusiva.

A superação do paradigma biomédico estrito na compreensão do Transtorno do Espectro Autista (TEA) demanda um deslocamento epistemológico que reconheça a neurodiversidade não como um conjunto de déficits intrínsecos ao sujeito, mas como uma forma legítima de existência humana cujas barreiras residem primordialmente na estrutura social. Conforme postula Mantoan (2015), a inclusão radical exige a desconstrução das práticas segregadoras e normativas, convocando os espaços educativos a se reconfigurarem para acolher a singularidade de cada indivíduo.

ISSN: 2358-8829

Sob a ótica da psicologia histórico-cultural e dos estudos de defectologia de Vygotsky (1997), o desenvolvimento das crianças com neurodesenvolvimento atípico não é governado por limitações biológicas lineares, mas pelas mediações sociais e culturais que lhes são ofertadas. Nessa direção, promover a conscientização sobre o TEA entre os próprios pares infantis transcende a mera tolerância passiva, instaurando uma práxis ética voltada à dissolução de estigmas e à construção de coletivos pautados pela alteridade.

Nesse horizonte emancipatório, a ludicidade emerge como a linguagem por excelência da infância e como o território mais fértil para a tessitura de relações horizontais e inclusivas. De acordo com Kishimoto (2017) e Brougère (2010), o brincar não constitui uma atividade inata destituída de intencionalidade, mas um artefato cultural complexo no qual a criança apropria-se de códigos sociais, negocia regras e ressignifica a realidade. Quando intencionalmente mediada como estratégia pedagógica, a atividade lúdica suspende as hierarquias baseadas no desempenho cognitivo padronizado ou na fluência verbal, permitindo que todas as pessoas compartilhem um mesmo espaço-tempo de expressão. O jogo torna-se, assim, um mediador potente para a compreensão das diferenças, na medida em que flexibiliza as formas de comunicação e valida repertórios plurais de interação com o mundo.

No tocante às especificidades do TEA — frequentemente caracterizado por particularidades na comunicação social, no processamento sensorial e na reciprocidade socioemocional —, o brincar compartilhado atua como um catalisador de conexões intersubjetivas. Estudos de Bosa (2006) e Orrú (2012) evidenciam que o isolamento atribuído à criança autista decorre, em grande parte, da inabilidade do entorno em decodificar suas iniciativas comunicativas não convencionais e do desconhecimento dos pares sobre como estabelecer trocas lúdicas acessíveis. Ao estruturar vivências que tematizam a diversidade de modos de sentir, perceber e agir, o mediador pedagógico instrumentaliza o grupo infantil para a leitura sensível do outro. Desse modo, comportamentos antes interpretados sob o signo da estranheza passam a ser compreendidos como expressões singulares de regulação e engajamento, fomentando atitudes genuínas de respeito e acolhimento.

A construção dessa postura acolhedora na infância articula-se diretamente ao desenvolvimento da empatia e da descentração cognitivo-afetiva. Sob a perspectiva walloniana, a afetividade e a cognição mantêm uma relação de interdependência

dialética, sendo a emoção o primeiro elo de ligação do sujeito com o ambiente social (GALVÃO, 2014). Nas dinâmicas lúdicas cooperativas e nos jogos simbólicos voltados à sensibilização, a criança é convidada a deslocar-se de seu próprio ponto de vista egocêntrico para experimentar, no plano imaginativo e corpóreo, as vivências e as necessidades do par com TEA. Esse exercício lúdico de colocar-se no lugar do outro desarma preconceitos incipientes e mobiliza afetos pró-sociais, convertendo a diferença em um elemento enriquecedor da experiência coletiva, e não em um demarcador de exclusão.

Para que tais processos formativos se materializem com intencionalidade crítica, a ambiência institucional desempenha um papel estruturante. Nesse cenário, a Brinquedoteca do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), regulamentada pela Resolução nº 01/2019 do Conselho de Centro (UFPB, 2019), consolida-se como um lócus privilegiado de articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Como defendem Cunha (2010) e Santos (2011), a brinquedoteca universitária ultrapassa a função de mero acervo de brinquedos para constituir-se como um laboratório vivo de formação humana e de inovação pedagógica. Ao abrigar intervenções voltadas à inclusão e à conscientização sobre o TEA, esse espaço reafirma o compromisso social da universidade pública em forjar práticas educativas anticapacitistas, oferecendo às crianças da comunidade um ambiente psicologicamente seguro e esteticamente preparado para o encontro com a pluralidade.

Eleger a ludicidade como eixo estruturante para a conscientização sobre o Transtorno do Espectro Autista significa apostar na potência política e humanizadora da infância. Conforme sintetiza Skliar (2003), a verdadeira inclusão não consiste em assimilar o outro a uma norma preexistente, mas em abrir-se à transformação provocada pela presença insubmissa da diferença. Ao vivenciarem, no interior da brinquedoteca universitária, jogos e experiências estéticas que celebram a diversidade neurológica e comportamental, as crianças não apenas acolhem o colega com TEA no presente imediato da brincadeira, mas ensaiam formas mais justas, empáticas e democráticas de convivência social, projetando os alicerces de uma cultura efetivamente inclusiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ISSN: 2358-8829

A realização da ação pedagógica possibilitou observar que o objetivo proposto foi alcançado, contribuindo para a conscientização das crianças acerca da inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Por meio das atividades desenvolvidas, buscou-se estimular sentimentos de empatia, respeito e responsabilidade, incentivando os participantes a refletirem sobre a importância de acolher as diferenças e promover a participação de todas as pessoas nos espaços de convivência.

Para compreender as possibilidades de transformação proporcionadas pela atividade, pode-se estabelecer uma relação com o modelo de Mudança em Três Etapas, atribuído a Lewin (2024), que compreende os processos de descongelamento, mudança e recongelamento. O descongelamento corresponde ao questionamento de concepções já estabelecidas; a mudança envolve a aprendizagem de novas perspectivas e comportamentos; e o recongelamento refere-se à consolidação dessas novas formas de pensar e agir. A partir dessa compreensão, considera-se que a ação pedagógica favoreceu o questionamento de concepções excludentes e de possíveis atitudes preconceituosas, abrindo espaço para a construção de perspectivas pautadas no respeito e na valorização das diferenças.

Nesse contexto, a ludicidade constituiu um recurso importante para a abordagem de uma temática socialmente relevante em uma linguagem acessível ao público infantil. Por meio do jogo pedagógico e do diálogo, as crianças tiveram a oportunidade de reconhecer situações relacionadas ao TEA e refletir sobre maneiras de acolher e incluir pessoas autistas. A articulação entre os recursos visuais e a discussão coletiva possibilitou aproximar o conteúdo abordado das experiências cotidianas dos participantes, favorecendo a reflexão sobre atitudes inclusivas.

Dessa maneira, a experiência evidencia as possibilidades da ludicidade como ferramenta pedagógica para a conscientização sobre a inclusão social desde a infância. Ao brincar, dialogar e compartilhar percepções, as crianças puderam entrar em contato com novos conhecimentos e refletir sobre diferentes formas de compreender o outro. Ressalta-se, entretanto, que a consolidação dessas aprendizagens depende de sua continuidade nas relações cotidianas e em outras experiências educativas. Assim, a ação desenvolvida reforça a importância de práticas pedagógicas que promovam o respeito à diversidade e contribuam para a construção de ambientes mais acolhedores e inclusivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

ISSN: 2358-8829

A experiência com a ação pedagógica realizada na Brinquedoteca do CE/UFPB possibilitou, por meio da ludicidade, promover a conscientização das crianças sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a importância da inclusão. Promover a inclusão desde a infância contribui para a formação de valores pautados no respeito e na solidariedade, favorecendo a construção de uma geração capaz de reconhecer e valorizar as diferenças. A partir da realização da proposta, espera-se que as crianças participantes estejam mais preparadas para acolher e incluir pessoas autistas, compreendendo a importância do respeito às particularidades de cada indivíduo.

Pequenas ações de conscientização podem contribuir para avanços sociais significativos. Nesse sentido, a proposta apresentada pode ser desenvolvida não apenas em Brinquedotecas, mas também em outros ambientes educativos, utilizando a ludicidade como ferramenta de sensibilização e conscientização sobre a inclusão. Dessa forma, destaca-se a importância de práticas pedagógicas que, desde a infância, favoreçam o desenvolvimento de atitudes inclusivas e contribuam para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e igualitária.

Por fim, faz-se necessário destacar a importância do desenvolvimento de novas ações educativas voltadas à promoção da inclusão social, contemplando não apenas o Transtorno do Espectro Autista (TEA), mas também outras temáticas, como a deficiência visual e auditiva, entre outras condições que demandam o reconhecimento das diferenças e o respeito às particularidades de cada indivíduo. A abordagem dessas questões com o público infantil pode contribuir para ampliar os conhecimentos das crianças sobre a diversidade humana, favorecendo a construção de relações pautadas na empatia, na solidariedade e no respeito mútuo. Nesse sentido, uma única ação de conscientização não é suficiente para superar a exclusão social e os preconceitos historicamente presentes na sociedade, sendo necessário um trabalho contínuo, que envolva diferentes espaços educativos e experiências de aprendizagem.

Palavras-chave: Inclusão Social, Crianças, Ludicidade, TEA.

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 28, supl. 1, p. S47-S53, maio 2006.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brinquedoteca**: um mergulho no brincar. 4. ed. São Paulo: Aquariana, 2010.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

LEWIN, K. **Teoria do Campo nas Ciências Sociais**. 1º Ed. Rio de Janeiro: Convivam, 2024.

LIMA, Elvira. C. A. S. et al, **O Jogo e a construção do conhecimento na Pré-escola**. São Paulo, FDE, 1991.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação**: interação social no cotidiano escolar. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

SANTOS, Santa Marli Pires dos (org.). **Brinquedoteca**: o lúdico em diferentes contextos. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, ano XII, p. 10-16, mar./abr. 2009.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Centro de Educação. Conselho de Centro. **Resolução nº 01/2019/COCCE**: Regimento Interno da Brinquedoteca do Centro de Educação. João Pessoa: UFPB, 2019.

ISSN: 2358-8829

VYGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Obras escogidas V**: fundamentos de defectología. Madrid: Visor, 1997.